ANO 12.º — Sabado, 31 de Maio de 1919 — Numero 58

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. Nacional R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

SOCIALISTAS BOLCHEVISTAS?

—(*)—

Pela pena brilhante do assiduo colaborador do *Democrata*, sr. Humberto Beça, levantou este jornal o primeiro grito de alarme e de protesto contra a propaganda perigosa e dissolvente, que, irrompendo na Russia como a lava de um vulcão, cuja cratera resistisse ha muito, ameaça invadir as fronteiras, alastrando por todo o mundo.

No fóco principal do seu inicio, a força das armas impõe-se e os apologistas das inaceitaveis teorias são batidos em toda a linha, caíndo conjuntamente com a sonhada loucura de fazer substituir o respeito da vida e da propriedade dos outros pela pratica dos crimes mais repugnantes, alucinadamente convencidos de que a desgraça de todos possa alguma vez, entre a humanidade, ser considerada o ideal de alguem!

Mas, se até agora, nos chegavam apenas o éco de tantos horrores, que a rudeza instintiva de gente inculta, mantinha, animada pela ferocidade, resultante, é certo, de seculos de opressão barbara e truculenta, vemos com profundo pezar que a reflexão de tais doutrinas se manifesta, entre nós, na pratica de gráves atentados que são inconfundivelmente os primeiros passos para a anarquica dissolução da sociedade portuguêsa, com todo o seu cortejo de crimes, de barbarismos e de horrores!

O bolchevismo de hoje é a comuna de ontem. E' a ceifa de todos os estimulos; a destruição de todas as viabilidades do progresso humano; é a desordem, a tirania, o desabar do organismo social, apagando-se todos os sagrados principios da dignidade, da honra, do pudor, do respeito, da familia!

Não se iludam quantos possam supôr viavel, exequivel tal programa, uns pela insuficiencia do seu critério e conhecimentos, outros pela conveniencia e proveito que lhe possa trazer a desordem.

Não procurem, como se está dando entre nós, mascarar com falsas aparencias de socialismo, as perniciosas e inaceitaveis teorias que o mundo inteiro condena.

O roubo, o sangue, o assassinio, o incendio e a violencia poderão ter servido alguma vez de base a uma situação, mas tal situação logo se afoga na sua propria obra.

De pretexto e de razão para reivindicações seja de quem fôr, tambem não colhe, por certo, a execução de tão nefasto programa, logo condenado por aqueles que não compreendem nem aceitam tamanha anomalia: a desordem substituindo a ordem; a fóme a fartura; a tirania a liberdade; a decadencia o progresso; o lupanar pelo lar; a prostituição pela virtude; a devassidão por a modestia!

Contudo—digâmo-lo com a maxima franquêsa—defrontados com a criminosa tolerancia do governo, um grupo de tresloucados tem praticado, em plena capital, actos da mais requintada selvageria, arrastados pela vertigem de essa loucura, á qual se tem de aplicar uma camisa de forças, custe o que custar.

O ministro do trabalho, socialista militante, saído do gabinete ha dias, afirmava numa carta que não teve pejo de subscrever, que os autores de tão condenados crimes seriam reaccionarios e... classificou-os a seu modo.

Ora se tal ministro póde afirmar que toda essa obra é da iniciativa de reaccionarios, nós poderemos tambem imputa-la áqueles que, em gréves, em *sabotagens*, em violencias de toda a especie, tem pretendido fazer valer as suas reivindicações.

A esses, a esses todos, para quem um dos seus chefes mais cultos, sincéros e de maior autoridade, Carlos Rates, se referia assim, a proposito da falada revolução social, com que tanto inconsciente por aí enche a bôca, com ares de segura profecia:

Sômos o povo mais impreparado da Europa Ocidental. Não produzimos o que consumimos e menos ainda o que precisâmos consumir. Em tres anos não temos possibilidade de modificar de modo sensivel as condições económicas do pais. Mas não é isto o essencial. O essencial é podermos nestes tres anos convencer a população operaria de que o socialismo não é de fórma alguma a ociosidade e o goso, a par da vingança arvorada em sistema. E a verdade, a dolorosa verdade, é que ha muita gente convencida disto. Se os acontecimentos se precipitam, repito, nós, os socialistas, sômos as primeiras vitimas da catastrofe e jogâmos a vida, sem nos darem sequer tempo a produzir qualquer coisa de util.

E mais adiante, com um desabafo irreprimivel, exclama:

Não; precisâmos de afirmar, eu e tantos outros, que não mantemos com malfeitores vulgares qualquer especie de solariedade. Se pudesse perdurar uma revolução socialista impulsionada pelos diversos Ragus que polvilham a multidão dos miseraveis, tinhamos estabelecida a tirania mais odiosa que se póde estabelecer. Seria o encerramento da vida num tumulo. Não; antes o que está com musica de Wagner e de Beethoven, do que o futuro com gaita de foles e realejo.

Sem duvida.

E como éco das palavras de Carlos Rates, aí temos a horrorosa consumação dos factos a confirma-las!

Eis o caso

—(*)—

Dum artigo de Mayer Garção, em *A Manhã*, ácerca da provavel dissolução dos partidos evolucionista e unionista em que volta a falar-se com insistencia:

. . . .

O que se está passando na vida politica da Republica prova que alguma coisa se modificou em Portugal, e não são os factos, os irrecusaveis factos, que assim iniludivelmente patenteiam?

* * *

Para aqueles que supõem que, encerrado o periodo dezembrista, tudo volta ás mesmas posições ocupadas nas vesperas desse periodo, ha a dizer que já nessa ocasião essas posições eram realmente insustentaveis. A verdade é que se cometeu um erro com a divisão das forças republicanas, logo após a implantação da Republica. A razão foi simples. Supoz-se que, com a sua tolerancia, a Republica extirpára os ultimos germens monarquicos. Foi um erro, repito. Talvez não o tivesse sido se realmente lidassemos com fieis duma causa, apaixonados por principios ou imobilisados na tradição. Tal não sucedeu, porêm. A monarquia criára uma clientela enorme que só podia viver com os processos da decadencia monarquica. Essa gente dividiu-se em duas correntes, mas ambas convergindo para o mesmo fim: continuar dominando em Portugal. Uns, supondo que a Republica não criaria raizes em Portugal, lançam-se no caminho das conspirações ou evidenciam contra a Republica uma latente hostilidade. Os outros, vendo os partidos da Republica fragmentarem-se, puzeram a mascara de adesivos e realisaram nas fileiras republicanas uma incursão mais nefasta do que as da Galiza, porque essas puderam ser repelidas e desta ainda a Republica não conseguiu livrar-se, e só se livrará com a dissolução dos partidos, se ela vier a operar-se.

Instalados nos partidos, que os aceitaram porque não pensavam senão em aumentar os seus efectivos, esses monarquicos, afivelada no rosto a mascara republicana, não pensaram senão em fazer politica á monarquica. Foi dessa politica hipocrita, dubia, conservadora e até reaccionaria por vezes, que nasceu o conflito com os elementos avançados, o que fez perder á Republica muito do seu prestigio e se originou o despreso pelos principios essenciais da Democracia, o que fez afastarem-se, desalentados, ou reagirem, indignados, muitos dos mais velhos, leais e conscientes republicanos.

* * *

Desde a revolução de 14 de Majo, que a influencia dos monarquicos, *travestis* de republicanos, conseguiu tornar nula para os seus anunciados efeitos da republicanisação da Republica, que na grande massa dos republicanos se note um amargo desgosto pela acção dos partidos politicos. Nos tempos da propaganda, quando o partido republicano era só um, havia, por vezes, dissensões, mas essas dissensões expunham-se nas assembleias partidarias e aí se liquidavam em debates francos e leais. A soberania do povo republicano resolvia definitivamente, com as suas sanções, as divergencias que se levantavam. Depois, não. Tudo começou a passar-se nos bastidores partidarios, constituindo-se como norma uma intriga politica, vasada nos moldes monarquicos. O resultado foi, como disse, o desgosto dos velhos republicanos, cidadãos livres, espiritos independentes, consciencias altivas, dispostos a ceder á razão, mas não se vergando á tirania de oligarquias nem podendo sofrer o desdem olimpico daqueles mesmos que haviam engrandecido.

Desenganemo-nos: foram essas circunstancias que tornaram possivel a eclosão do dezembrismo, e é preciso ser cégo para não reconhecer que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos.

. . . .

Muito bem, muito bem, snr. Mayer Garção. Se todos, os que tinham obrigação de o fazer, assim falassem, ou escrevessem, ou se mostrassem dispostos a enveredar pelo bom caminho, talvez que a politica não tivesse chegado ao extremo a que chegou. Mas—com mágua o dizemos—dos republicanos, muitos, tambem se perverteram e de aí o mal, o grande mal disto tudo, pronuncio de outros males ainda maiores se não surgir quem ponha côbro a tanta inepcia, a tanta devassidão—c'um raio de diabos!—a tanto impudor!

"Raid,, aereo

—(*)—

Dos tres hidro-aviões americanos que ultimamente iniciaram a travessia do Atlantico, partindo da Terra Nova para Lisboa, com escala pelos Açores, fez na terça-feira de tarde a sua *amerrisage* em pleno Tejo o N. C. n.º 4, do comando do capitão de fragata Read, com cinco tripulantes, unico que conseguiu levar a cabo o arrojado intento.

Nas duas margens do rio assistiram á chegada dos intrepidos navegadores aéreos dezenas de milhares de pessoas atraídas pelo constante buzinar dos navios estrangeiros e portuguêses, anunciando a aproximação dos viajantes, tendo-se realisado, á noite, a bordo do navio chefe da esquadra americana *Rochester* uma grandiosa festa em que foram colocadas ao peito as insignias da Torre e Espada com que o nosso governo premiou o imperecivel feito dos valentes tripulantes da flotilha aérea. Por essa ocasião o sr. ministro da America proferiu um eloquente discurso, salientando as vantagens que resultam para o novo mundo da gloriosa conquista alcançada pelos Estados Unidos no campo da aeronautica e que foi terminada com a seguinte exclamação que arrancou á assistencia os mais intensos aplausos: *Os americanos acabam de escrever, cortando o ar, a mesma pagina de imorredoura gloria que seculos atraz os portuguêses escreveram tambem, transpondo mares ignorados.*

Todos os jornaes dedicam parte das suas colunas ao extraordinario acontecimento.

JULGAMENTOS

—*—

Até que enfim, começaram os julgamentos dos implicados na ultima aventura monarquica.

Estavamos a vêr que rebentava outra *bernarda* ou então que seria decretada uma amnistia geral, mesmo antes de se reunirem os tribunaes marciaes...

Começaram. Mas pelo geito que as coisas levam estâmos em crêr que nunca mais findam...

ÁS AUTORIDADES SANITARIAS DE AVEIRO

—(*)—

Com este titulo lê-se no ultimo numero do *Jornal de Estarreja*:

O que de falta de limpêsa e de perigoso para a higiene publica se está dando na capital do distrito é vergonhosissimo.

Sái a gente da Estação e logo sente um cheiro nauseabundo; repara, e logo vê os escorrimentos de porcarias a par dos passeios da rua principal!

Depois, por muitos outros pontos da cidade, as mesmas porcarias, a mesma indecencia!

Dentro duma cidade, é repugnante e escandaloso que se consintam tais abusos e tão perigosa falta de limpêsa!

Ha ali um delegado de saude.

Chamâmos a sua atenção para o facto que muito depõe contra a cidade e que é um grande perigo nesta época de várias doenças e epidemias.

Tem razão o colega e não é por falta de avivarmos o pouco cuidado que a essa autoridade sanitaria merece a higiene da cidade, que um tal estado de coisas se mantem. Mas que quere, se o desleixo parece ter invadido todos quantos são obrigados a olhar pela limpêsa e aceio deste torrão onde se trata de tudo menos do que mais convêm e é indispensavel?

O "reino,, do Porto

—(*)—

No meio de tanta incertêsa uma optima noticia, verdadeira, trazida pelos proprios *chaufeurs* que os acompanharam para o sul, circulava, á socápa, pelos arraiaes republicanos, animando as hostes da velha falange democratica e abrindo novamente a porta da esperança para os paladinos da Republica encerrados no velho burgo do Porto, isolados do país, abandonados á sua sorte.

O destacamento do S. P. S. P. do Garrett, não só não submetera a força do tenente Robi, em Albergaria, como, por consequencia, não implantára ali a monarquia, onde por tanto não podia ter havido o entusiasmo que a *Patria* apregoava, como ainda foi a força do tenente Robi que esmoreceu os *trauliteiros* do Porto, aprisionando muitos, entre eles o proprio... *general*, o Garrett, e debandando os restantes que deixaram no local da luta, dez ou doze automoveis de que o destacamento de cavalaria se apossou.

Bem. Então havia forças da Republica em Aveiro. O tenente Robi, com o seu pequeno destacamento de cavalaria 8, não procederia assim, isoladamente, se as não houvesse.

Mas estaria já ali como força avançada da guarnição de Aveiro?

Ao mesmo tempo constava que o 3.º batalhão do 24, de Ovar, retirára para Aveiro; logo, havia naquela cidade, sem duvida alguma, forças republicanas.

Optimo!

Sabia-se que a tal coluna de civis do Garrett, recolhera, de orelha murcha, ao Porto e que sobre a sua acção o governo provisorio guardava o mais prudente silencio; sabia-se que pairava na costa um vaso de guerra com bandeira republicana; sabia-se que em Aveiro se concentravam forças republicanas, mas da importancia material de todos estes factores da Republica, nada havia de positivo.

E comentava-se: Se o governo da Republica está senhor da situação, se Lisboa e o sul se mantém ao lado da Republica, porque não constitue já uma divisão com as tropas de Coimbra, Figueira e Aveiro, uma divisão que, avançando imediatamente sobre o Porto, esmagasse tudo isto com a maior facilidade?

Porque a verdade era esta: a Junta não tinha forças bastantes para qualquer resistencia eficaz, tanto mais que muitas das que se encontravam dentro dos muros do Porto, não lhe mereciam confiança, como já deixei frisado.

Nesses primeiros dias bastaria uma coluna de 4 ou 5:000 homens que se aproximasse rapida e inesperadamente do Porto, para que ministros, junta, secretarios e autoridades debandassem com azas nos pés, para nunca mais serem vistos, tal a fraquêsa das forças de defêsa, tal o seu desafogo pela causa, tal a desorganisação em que tudo se encontrava.

Ora, se a Republica não faz imediatamente uma demonstração de força, é porque se encontra impossibilitada; ou não domina a situação no sul, ou as tropas lhe não merecem confiança, ou a revolução monarquica em Lisboa é um facto.

O que haverá de positivo?

Entretanto chegava ao Porto a coluna mixta do coronel Silva Ramos, de regresso de Santarem, e que os republicanos cometeram o gráve erro de deixar regressar aqui.

Era, sem duvida, esse, um sinal de fraquêsa.

Apagava-se de novo esse raiosinho de luz que tanta vida insuflára á nossa alma atribulada.

Voltávamos á escuridão das primeiras duvidas, aos desalentos das primeiras incertêsas pela situação da Republica. E como a carregar mais o quadro negro do nosso desalento, de Valença chegavam noticias de que a guarnição sesubmetera, sem resistencia, á coluna do capitão Sá Guimarães, e de Braga, de Viana e Barcelos chegavam ao Porto contingentes do 3, do 8 e do 29, para reforçar a guarnição e constituir as colunas que a Junta ia enviar ao norte e centro do país para impôr a restauração do regimen dos adeantamentos.

E seja dito agora de passagem: se a inépcia da Junta Governativa se não manifestasse logo nos seus primeiros actos, a monarquia talvez fôsse hoje um facto em Portugal.

Foi a inépcia dos seus membros, foi a estupidez de muitas das creaturas que se elegeram a cargos para que não possuiam envergadura, que atirou com a monarquia a terra, mais depressa do

Films...

Por Faro

Veio nas gazetas que o sr. dr. Sampaio Maia, actual governador civil de Aveiro, fôra eleito deputado pelo circulo de Faro e logo houve quem se apressasse a tirar desse facto várias conclusões...

Quanto a nós, não vemos motivo para admiração, visto que a influencia de s. ex.ª lá tanto póde provir das tizanas como de qualquer amigo das proximidades de... Peniche...

Ou até de nenhuma delas...

O castigo

Numa reunião efectuada no sindicato das grandes industrias de Berlim, o antigo ministro Helffe-rich, falando das condições de paz, declarou que a soma a pagar pela Alemanha para indemnisar os mutilados da guerra, viuvas e orfãos nos diversos países aliados, se eleva a duzentos mil milhões de marcos, ou seja, ajuntou, toda a riqueza particular da nação, antes da luta.

E não é muito, para quem tanta dôr e tanto luto espalhou.

ALBERTO SOUTO
Advogado
— AVEIRO —

EM ILHAVO

—(*)—

Tanto as eleições geraes como as camararias deram logar a que no proximo concelho de Ilhavo se travasse renhida luta, ficando esmagados os democraticos, dizem-nos que por causa da orientação que imprime ao grupo um snr. Faustino e tambem pela maneira pouco consentanea com os principios republicanos como se tem conduzido o capitão farmaceutico Marques da Naia, administrador desde que a *união sagrada* tomou novamente conta do país.

Não possuimos detalhes sobre os acontecimentos nem tão pouco conhecemos pormenores que nos habilitem a formar um juizo seguro das condições em que a derrota se deu. No entretanto quer-nos parecer que os ilhavenses só cumpriram o seu dever, correndo com os *faustinos*, irritantes de mais para que possam ser os arbitros dos destinos dum povo.

Dr. Amancio Alpoim

Esteve ontem em Aveiro este talentoso advogado lisbonense, que no tribunal devia tomar parte na discussão duma causa mais uma vez adiada.

Retirou no *rapido* da tarde depois de em companhia do nosso director e outros amigos ter passeado a cidade e seus arrabaldes.

...ue as providencias e acção do governo do sr. Tamagnini.

Se a Junta tem enviado ao sul juntamente com a coluna de *trauliteiros*, mais de duzentos homens, que debandaram, perdendo armas, bagagens e prisioneiros, diante dum destacamento de vinte soldados de cavalaria; se tem enviado para o sul a coluna Sá Guimarães, o tenente Robi não poderia ter resistido, teria retirado para Aveiro perseguido e sem talvez ter tempo de cortar a ponte de Angeja, para o que certamente não dispunha de meios e a implantação da monarquia nesta cidade teria sido um facto, visto que dificilmente poderia resistir com duzentos homens de guarnição, contra mil com bôa artilharia, que somariam, o muito, as duas colunas.

E era problematica a retirada para Coimbra das forças de Aveiro, por quanto os elementos monarquicos em Coimbra eram importantes e sabe-se que apenas esperavam a aproximação das forças do Porto para se manifestarem.

O norte, isolado do sul, o Minho dominado pelo elemento clerical, Braga tendo já proclamado a monarquia, que foi fazer ao Minho a coluna Sá Guimarães?

Foi um gravissimo erro estratégico dos grandes estrategistas da monarquia, erro que lhes custou justamente a perda da causa realista.

A coluna Sá Guimarães tinha cêrca de 500 homens; os *trauliteiros* do Garrett mais de 200; com os civis encorporados em Espinho, Ovar, Estarreja e outras povoações, Sá Guimarães podia entrar em Aveiro, que não era possivel resistir da fórma brilhante como o fez depois, com cêrca de 800 homens, que elevaria a perto de 1000 ou mais com os *trauliteiros* de Jaime Silva, chefe monarquico local. E assim, implantada a monarquia na cidade de José Estevam e as forças realistas a caminho da Pampilhosa, Coimbra arvorava logo a bandeira azul e branca e as tropas republicanas saídas de Aveiro, teriam de render-se, na impossibilidade de serem socorridas pelo governo de Lisboa, a braços com os revolucionarios que tão miseravelmente baquearam em Monsanto.

Só, pois, á incompetencia, á falta de dotes de talento e de acção da gente da Junta se deve a Republica não ter sosobrado nessa tempestade de Janeiro e Fevereiro.

Mas, com gente como o tarimbeiro Alegro, o Baldaque de sugissimas mãos, o imbecil do Augusto Magalhães—o Augusto Magalhães, livreiro, ali dos Loyos, um dos maiores imbecis que conheço, feito chefe dum gabinete qualquer!!! só na monarquia portuguêsa ou no reino do Gungunhana—o Pereira de Souza e quejandos, o que queria Paiva Couceiro?

Constou, poucos dias volvidos, que o *grande comandante*, como lhe chamava Pereira de Souza, dissera:

— Fui mais uma vez enganado!

E se-lo-á tantas quantas se meter com Baldaques, Augustos de Magalhães e que taes.

Todavia, continuavam as manifestações de grupelhos, pretendendo dar um ar de movimento á cidade.

Meio cento de creaturas limpas na frente, duzentos ou tresentos marnotos, catraieiros, gente do rio, suja de carvão e de porcaria, dando ao conjunto quasi um aspecto de cortejo de mendigos, dirigiram-se ao governo civil a saudar a Junta e por ali ficou.

A' noite houve outra manifestação no Bomfim ou proximidades.

Outra demonstração da mediocridade dos sentimentos monarquicos.

A estas duas manifestações, chama a *Patria* e o *Noticias*—*grandiosas*—e na sua *en-tête* aquele jornal escreve:— *Cem mil pessoas saúdam delirantemente Paiva Couceiro.*

Cem mil pessoas!!!

O' inconcebivel aldrabão! Cem mil pessoas é mais de metade da população do Porto. Cem mil pessoas! O' despejo! Onde tencionas parar nesse galope desenfreado? O' cinismo!...

Chapaste-lhe nas facas
Um tal estanho, enfim,
Que até tu mesmo embaças
Ao vêr cinismo assim!

E' descaradamente de mais!

Pois senhores: esta ultima que a *Patria* diz comportar, 50:000 manifestantes, passou-me á porta e declaro, pela minha honra, com o testemunho de vinte alunos internos da Escola Secundaria de Comercio, que assistiram comigo á sua passagem, que essa manifestação não teria mais de 1:500 a 1:800 pessoas, que marchavam silenciosamente como se fosse o préstito de um funeral, e que, a massa manifestante (?)... em segredo, coube toda, caminhando á vontade, sem atropelos nem apertões, na parte da Rua Fernandes Tomaz, compreendida entre a Igreja da Trindade e a Rua do Bomjardim, onde a cauda rareava já largamente.

O snr. Pereira de Souza que diga agora se este espaço de rua com 60 a 70 metros de comprido e uns 10 de largo, comportava 50:000 pessoas, mesmo como sardinha em canastra, quanto mais no á vontade em que se fazia a marcha... da procissão.

E é assim que se escreve a historia e era assim que se enganava o povo do Porto, fazendo-lhe crêr um entusiasmo que estava longe de existir e numa harmonia de ideais que era uma ignobil cilada.

Mas, felizmente, que o povo republicano, pouco ou muito, que a tais farçadas assistia, passava palavra por toda a cidade, que compreendeu a necessidade desta especie de santo e senha com que se ia mantendo o moral republicano, febril, impaciente pelo isolamento em que se encontrava.

Humberto Beça

Desigualdades

Os cantoneiros das Obras Publicas! Pobre gente! Trabalhadores incançaveis e sempre no seu posto, quer chova quer faça sol, ás vezes de escaldar, são os unicos, talvez, que não possuem um amigo, um protector, que junto das instancias superiores advogue a sua causa, pedindo mais alguns centávos com que possam prover ao seu sustento e tira-los da miseria em que vivem, com o milho a 5$00.

Pois é preciso que alguem apareça que os proteja. Não seja só espalhar dinheiro a rodos pela alta burocracia. Os cantoneiros tambem são gente, tambem teem direito a que se não esqueçam deles. E que é humanitario, e que é justo que assim aconteça não devemos ter a esse respeito duvidas. Só o póde negar quem não souber o trabalho que eles produzem e as dificuldades que estão atravessando.

Que o Estado se amercie, pois, dos seus humildes servidores.

EM LIBERDADE

Foram ontem restituidos á liberdade os snrs. coronel João de Almeida, capitão Gaspar Ferreira e tenente Negrão, detidos desde fevereiro por desconfiança de cumplicidade na aventura monarquica.

Quem lhe sucederá?

Deixou, a seu pedido, o cargo de administrador do concelho e comissario de policia, o sr. Antonio Maximo Junior, que, em abono da verdade se deve dizer, o exerceu criteriosamente, tornando-se credor dos nossos encomios.

Temos ouvido falar em vários nomes que se indigitam para o substituir, mas—com franquêsa—alguns são tão irrisorios que nos repugna acreditar vê-los servir de autoridade no edificio das Carmelitas.

E de mais, talvez não tenhâmos motivo para admirações. *Isto desceu tanto, tanto...*

Dentista

Candido Dias Soares

AVEIRO

Instalou o seu consultorio na Rua Coimbra (antiga Costeira) n.º 11, onde continua ao dispôr dos seus amigos e clientes.

MAIS OUTRO

O dr. João de Barros, mimoso poeta e escritor, secretario geral do ministerio da Instrução, abandonou o partido democratico.

Quem se seguirá?

Anibal Rezende

Um telegrama de ontem á tarde anuncia-nos a chegada ao continente do presadissimo amigo deste jornal, Anibal Rezende, antigo republicano e um dos mais dignos empregados da Companhia de Moçambique.

Anciosamente o aguardâmos nesta cidade para o cingirmos num cordeal abraço de bôas vindas.

EM FALSO

Por que constasse que o snr. ministro da Instrução viria ao Porto no comboio directo de terça-feira, os academicos do liceu apresentaram-se, de estandarte, na *gare* para o cumprimentarem, o que não tendo irrompido em entusiastica manifestação pelo simples facto de s. ex.ª ter, mais uma vez, adiado a viagem.

E' que os de Coimbra não se encontram lá muito satisfeitos com a transferencia da faculdade de letras para a capital do norte, apezar de todas as compensações prometidas, e o sr. Leonardo tem de por lá passar...

Notas mundanas

De passagem para Lisboa, donde, no paquete do dia 1, deve seguir para Loanda afim de iniciar a sua carreira no comercio, como guarda livros, esteve em Aveiro o ex-aluno do liceu Francisco Manuel Simões, filho do nosso particular amigo da Ferradosa do Douro, Acacio Simões.

Ao joven e inteligente mancebo o desejo de que a par duma feliz viagem se lhe ante-abra um futuro coroado das maiores venturas.

=== *Acompanhado de sua esposa e filha, regressou de Porto Alegre, E. U. do Brazil, á sua casa de Cacia, o importante industrial sr. João Gomes da Silva, fundador da* Padaria Tres Estrelas, *que, no género, é um dos melhores estabelecimentos daquela cidade brazileira.*

As nossas bôas vindas aos recem-chegados.

=== *Está nesta cidade onde conta passar a estação calmosa, a snr.ª D. Maria Pereira e Silva, viuva do capitão da marinha mercante snr. João dos Santos Silva.*

=== *Foi acometido de doença num dos orgãos visuaes o proprietario da Livraria Universal, sr. João Vieira da Cunha, a quem desejâmos rapidas melhoras.*

SUICIDIOS

Uma creada do sr. Octavio de Pinho, tendo ingerido uma poção venenosa, faleceu no hospital, sendo infructiferos todos os esforços clinicos para a salvar.

Chamava-se Felicia Marques, nome que a fatalidade desmentiu por completo, era natural de Esmoriz, de 21 anos de idade e orfã de pae e mãe.

No logar da Presa tambem se suicidou o velho Zacarias, diz se que devido á maneira pouco digna como os filhos o tratavam.

Triste.

TRANSCRIÇÕES

Ao *Concelho de Estarreja* e *Correio do Minho*, de Caminha, os nossos agradecimentos pela inserção, nas suas colunas, dos artigos —*As eleições no continente* e *O «reino» do Porto.*

Aveiro progride

Não se podendo ter ultimado o contrato para a aquisição da casa pertencente á familia Machado, que o governo pretendeu adquirir para o funcionamento da filial da Caixa Geral dos Depositos, como noticiámos, foi para esse fim comprada na passada quarta-feira aquela onde funcionou, em tempos, o hotel Cisne, propriedade do sr. Alfredo Manso Preto, pela quantia de trinta contos, sendo nesse mesmo dia feita a respectiva escritura.

* * *

A Casa da Costeira

Inaugura a sua nova instalação na proxima segunda-feira, comemorando esse acontecimento com a distribuição dum bodo a 200 pobres e grande numero de brindes a creanças pertencentes aos seus amigos e fregueses.

Pela nossa parte agradecemos o convite que nos é feito, assim como os bilhetes que o proprietario do estabelecimento nos enviou para serem distribuidos pelos pobres protegidos por este jornal.

A *Casa da Costeira*, segundo nos afirmam, satisfaz as mais modernas exigencias de estabelecimentos de aquele género, devido aos esforços e bom gosto do seu proprietario o nosso amigo Antonio Souto Ratola.

NECROLOGIA

Faleceu no ultimo domingo Manuel de Matos—o *Besugo*—viuvo, de 58 anos.

Modesto filho do povo, simples artista sapateiro, inculto, era, todavia, dotado dum genio inventivo e alegre, aproveitando todos os ensejos para dar expansão a quanto planeava o seu espirito irrequieto, disfrutando e rindo com as situações que creava em virtude das suas partidas, combinações e trocadilhos.

Ultimamente toda essa alegria desaparecera pela perda dos seus dois filhos, que lhe amparavam a velhice, cercando-o de relativa comodidade. Um morreu em França, despedaçado por uma granada; outro, já alferes, falecera em Lourenço Marques vitimado pela bronco-pneumonia.

O choque fôra profundo, abalando mortalmente o pobre pae, que, desde então, trocára todas as alegrias e despreocupações pela mais intensa tristeza até que a morte veio pôr termo áquela imensa dôr que ele escondia na insignificancia da sua individualidade e no isolamento a que se recolheu.

Escrevendo estas palavras em memoria do pobre artista, cumprimos apenas um dever, exaltando a elevação de sentimentos e de amor paternal que albergava o humilde Manuel Besugo.

Procuradoria Comercial de Aveiro

DIRECÇÃO DO DR. ALBERTO SOUTO

(provisoriamente junto do seu escritorio de advogado, á Praça do Comercio)

Serviços CIVIS, FORENSES e COMERCIAIS
Representações, comissões e corretagens com correspondencia em Lisboa e Porto
Seguros de vida e seguros reais
Requerimentos, cobranças, documentos para concursos, serviços pendentes das repartições publicas, etc.

Gerente: POMPILIO RATOLA

Representantes do Banco Auxiliar do Comercio, Emprêsa Antuã, Companhia Nacional do Comercio, Companhias de seguros *Globo* e *A Mundial*, maquinas de escrever *Royal*, etc., etc.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 29

A' hora a que escrevo está chovendo torrencialmente e trovejando. Rega em fórma, que muito beneficia a agricultura, colocando-nos na espectativa dum ano abundante de tudo.

Oxalá.

—— Foi na segunda-feira chamado para observar um doente em Canelas, concelho de Estarreja, o clinico desta localidade, sr. dr. Abilio Marques.

—— Faleceu no ultimo sabado a esposa do sr. Joaquim Vendeiro, cujo funeral teve logar no dia seguinte com acompanhamento da irmandade da Senhora do Rosario.

—— Vai ser alargado o cemiterio da Oliveirinha pelo desaparecimento dum muro levantado a meio.

—— Teem diminuido sensivelmente os casos de *gripe* e a variola não consta que se tenha propagado ou feito mais vitimas alêm duma creança, nas Quintans.

—— Vindo de passeio, honrou hoje esta localidade com a sua presença, o snr. dr. Amancio Alpoim, ilustre advogado nos auditorios de Lisboa, que se fazia acompanhar do director deste jornal.

C.

USEM PARA LUSTRAR
OS SEUS OLEADOS,
MOVEIS E SOALHOS
: : : : : A POMADA : : : : :

Larama

A MAIS AFAMADA MARCA
DO NORTE DO PAÍS
Vendas por junto
Quantidade minima—12 latas
Pedidos aos unicos depositarios:

Amaral & Figueiredo

Rua Formosa n.º 166 — 1.º
PORTO

A Seguradora afirma e prova que segura sempre.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ribeiro.*

ANUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro

2.ª SECÇÃO DE CONSTRUCÇÃO

Estrada de serviço da Praça de Paços de Brandão para a estação de Oleiros do caminho de ferro do Vale do Vouga

Construcção dum pontão de 3m,5 de abertura sobre o rio do Candal 54 e 58

FAZ-SE publico que no dia 18 do proximo mez de Junho, pelas 13 horas do dia, na secretaria da administração do concelho da Feira, perante a respectiva comissão presidida pelo administrador do concelho, se recebem propostas em carta fechada para a construcção de um pontão sobre o rio Candal, na freguesia de Oleiros.

Base de licitação . . . . . 5.090$00
Deposito provisorio. . . . 127$25

Os desenhos, medições e condições especiaes da arrematação, estão patentes na secretaría da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis desde as 11 ás 17 horas.

As guias para efectuar o deposito provisorio são passadas na secretaría da 2.ª secção de construcção, em Espinho, todos os dias uteis até ás 15 horas do dia 17 do proximo mez de Junho.

A importancia do deposito definitivo é de 5 p. c. sobre o valor da adjudicação.

Espinho e secretaría da 2.ª secção de construcção da Direcção das Obras Publicas do Distrito de Aveiro, 26 de Maio de 1919.

O conductor chefe de secção,

Evaristo de Moraes Ferreira

"A SEGURADORA,,

COMPANHIA DE SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS
S. A. R. L.
Capital social: Esc. 500:000$ Capital realisado: Esc. 250:000$

SÉDE NO PORTO:—R. DAS FLORES, 118
Correspondente em Aveiro:
VICTOR COELHO DA SILVA—*Chapelaria Aveirense*—
R. Direita, n.º 8